



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA- FAI
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

GEANE JOICE DA SILVA

**REGISTRO SOCIOLINGÜÍSTICO DA LINGUAGEM GARIMPEIRA NA
COMUNIDADE ÁGUA BRANCA- ITAITUBA/PA**

Biblioteca do CESUP,
Registro
Nº _____
EM, 10/08/2022
ITAITUBA-PARÁ

Itaituba-PA

2018

GEANE JOICE DA SILVA

**REGISTRO SOCIOLINGUÍSTICO DA LINGUAGEM GARIMPEIRA NA
COMUNIDADE ÁGUA BRANCA- ITAITUBA/PA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Esp. Railane Esmeralda Cruz Figueira

Itaituba/PA

2018

*Dedico este trabalho a Deus, por ser minha
fortaleza em todos os momentos da minha vida e
a minha filha, Maria Clara Silva Lopes, por ser o
motivo pelo qual acordo todos os dias querendo
vencer.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço Deus por ser digno de toda e toda a glória a cada momento da minha vida;

A minha família que sempre me apoiou e acreditou na minha luta, em especial a minha mãe, Maria Rita da Silva, a quem atribuo a responsabilidade por essa vitória;

A professora Railane Esmeralda Cruz Figueira por ser uma pessoa especial na construção desse trabalho, que com grande carinho se dedicou o tempo todo para fazer o melhor;

Agradeço a minha filha Maria Clara Silva Lopes, por ser minha maior inspiração nas horas difíceis;

Aos meus colegas de turma que estiveram me apoiando nessa luta árdua, especialmente Evandro Mendonça, Silas Rodrigues e Alayde Alves pelo companheirismo e amizade incondicional.

A linguagem é a melhor e mais importante identidade do homem, manifestando não apenas seu modo de pensar, mas também evidenciando aspectos sociais, históricos e culturais de onde moram.

Bernardo Inácio

RESUMO

Neste estudo, assumindo como pressuposto a teoria sociolinguística que considera que o léxico de qualquer língua revela aspectos sócio-histórico-culturais da realidade dos falantes dessa língua, objetivou-se descrever e analisar o léxico de falantes remanescentes da comunidade garimpeira Água Branca, localizada no Município de Itaituba/PA. Orientando-se pelos postulados da Sociolinguística, a fala dessa população revela certa peculiaridade no que diz respeito ao léxico, e essa peculiaridade justifica-se pelo fato de a referida população incluir um grupo de remanescentes de uma extinta comunidade garimpeira, assim, tem como moradores algumas pessoas que sobreviveram por décadas do trabalho direto do garimpo, além dos seus descendentes que herdaram sua língua materna. Assim, foram analisados itens lexicais que fazem parte da realidade das pessoas que moram na referida comunidade e, além disso, foram analisadas entrevistas dos homens que trabalharam durante muitos anos na atividade garimpeira e que residem até hoje na comunidade em questão. Para a concretização deste, a metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Autores como Severo (2004), Silva (2011), Santos (2010), Alkmim (2003), Bagno (2012), entre outros, que contribuem para uma abordagem mais esclarecedora desses aspectos lexicais à luz da sociolinguística.

Palavras-chave: Sociolinguística, Linguagem Garimpeira, Itens Lexicais

ABSTRACT

In this study, assuming as a presupposition the sociolinguistic theory that considers that the lexicon of any language reveals socio-historical-cultural aspects of the reality of the speakers of that language, it was aimed to describe and analyze the lexicon of speakers remaining in the community of Garimpeira Água Branca, Municipality of Itaituba / PA. Guided by the postulates of Sociolinguística, the speech of this population reveals a certain peculiarity with regard to the lexicon, and this peculiarity is justified by the fact that said population includes a group of remnants of an extinct community of garimpeira, some people who survived for decades from the direct work of the garimpo, in addition to their descendants who inherited their mother tongue. Thus, lexical items that are part of the reality of the people living in the community were analyzed and, in addition, interviews were analyzed of the men who worked for many years in the garimpeira activity and who still live in the community in question. To achieve this, the methodology adopted was the bibliographical research and field research. Authors such as Severo (2004), Silva (2011), Santos (2010), Alkmim (2003), Bagno (2012), among others, contribute to a more enlightening approach to these lexical aspects in the light of sociolinguistics.

Key words: Sociolinguistics, Foreign Language, Lexical Items

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 RELAÇÃO MÚTUA DA LINGUAGEM E A SOCIEDADE	13
2.2 SOCIOLINGÜÍSTICA: ORIGEM, EVOLUÇÃO E POSTULADO VARIACIONISTA	16
2.2.1 Variedade Linguística	21
2.3 PRECONCEITO LINGÜÍSTICO COMO RESULTADO DAS VARIEADES LINGÜÍSTICAS	29
2.4 GÍRIA COMO IDENTIDADE SOCIAL	32
2.5 PANORAMA HISTÓRICO DA CIDADE DE ITAITUBA COMO PÓLO GARIMPEIRO	36
3. METODOLOGIA	39
3.1 TIPO DE PESQUISA	39
3.2 PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA	43
3.3 PERFIL DOS ENTREVISTADOS	44
3.4 AMBIENTE DE PESQUISA	45
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS	46
4.1 LINGUAGEM GARIMPEIRA	46
4.2 ASPECTOS LEXICAIS EVIDENCIADOS NO DISCURSO DOS GARIMPEIROS	51
5. CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	56

1. INTRODUÇÃO

Quando se faz uma pesquisa de cunho sociolinguístico, é preciso ter como pressuposto norteador as diferenças históricas, culturais e sociais que se manifestam e se diversificam em diversas regiões e, por conseguinte, se evidenciam no modo de falar de todas as pessoas que moram nessas localidades. Assim, esses estudos mostram que as características marcantes do meio, a forma de povoamento de cada localidade e os fatores históricos refletem claramente a relação existente entre língua, cultura e sociedade, configurada pela diversidade lexical presente nas falas tomadas como objeto e que evidencia diferenças.

Dessa forma, essas diferenças justificam a realização desse trabalho, na medida em que essas diferenças são importantes recursos de entendimento da linguagem no âmbito sociolinguístico e manifestações dos seus aspectos lexicais. Assim, objetiva-se com essa pesquisa, um registro sociolinguístico, da Comunidade Água Branca, Itaituba/PA, remanescente da atividade garimpeira e com um forte aspecto cultural ligado a costumes voltados especificamente para a área do garimpo.

Atentando para o referido grupo de remanescentes de comunidades garimpeiras, é fácil compreender que ele desaparecerá em curto prazo, se se considerar: em primeiro lugar, que muitos dos seus integrantes já estão em idade bastante avançada; e, em segundo lugar, que a maioria dos seus integrantes economicamente ativos apresenta baixo nível de escolaridade e, por isso, têm emigrado para outras cidades, em busca de escola ou de trabalho diferente do que lhes resta ali, sem os garimpos.

É preciso, pois, registrar esses léxicos oriundos da atividade garimpeira, uma vez que as pessoas estão mudando de vida gradativamente e assim, essa linguagem vai desaparecendo e dando lugar a outros dialetos que se transformam a partir das mudanças sociais e culturais de determinado lugar. Dessa maneira, por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, foi possível se chegar a vários resultados importantes para o estudo em questão.

Algumas questões foram importantíssimas para nortear essa pesquisa, tais como: Quais aspectos sociolinguísticos podem ser evidenciados na linguagem dos moradores da comunidade Água Branca? Porque é importante o registro dos léxicos evidenciados nessa Comunidade? Como a atividade do garimpo pode influenciar no modo de falar desses comunitários?

Assim, esta monografia se estrutura da seguinte maneira: Na introdução, observa-se objetivos, justificativa, questões norteadoras; Na Fundamentação Teórica dessa pesquisa está subdividida nos seguintes tópicos: Relação mútua entre a linguagem e sociedade, baseada nos pressupostos sociolinguísticos; Sociolinguística: Origem, Evolução e Postulado Variacionista; Preconceito Linguístico como resultado das variedades dialetais; gíria como resultado de prática social; Aspectos sociais e históricos de Itaituba/PA.

Por sua vez, na Metodologia, são enfatizados os tipos de pesquisa, perfil dos entrevistados, coleta de dados, ambiente da pesquisa; No Resultado e Análise de Dados são explicitadas as questões e respostas das entrevistas, sendo analisados os aspectos lexicais da fala dos garimpeiros de acordo com a Fundamentação Teórica da pesquisa em questão e, por fim, são feitas as considerações finais da referida monografia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 RELAÇÃO MÚTUA DA LINGUAGEM E A SOCIEDADE

Entende-se por linguagem, como a faculdade em que o ser humano possui para se comunicar entre seus semelhantes a partir do uso da língua, incluindo no sistema linguístico, a simbologia de sons, de imagens e entre outros. Severo (2004) conceitua sociedade como agrupamento de indivíduos com os mesmos fins, muitas vezes submissos a uma lei comum.

A discussão referente à reciprocidade da linguagem e a sociedade no campo sociocultural, tem sido o marco temporal na década de 60, haja vista que, nesse período os estudos linguísticos deram olhares científicos além do que Saussure e seus contemporâneos consideraram como importantes. Nestes estudos, foram validados os aspectos sociolinguísticos, assim como os aspectos sociais e antropológicos, à medida que se busca entender, qual em certo mecanismo influencia o outro (linguagem/sociedade).

Por esta razão, muitos estudiosos dos últimos séculos, apontam as teorias antropológicas, sociológicas e linguísticas, como decisivas na formação da ciência sociolinguística, visando entender a relatividade dual perante a comunidade social. Inclusive, postulado mencionado por Severo (2004), faz menção desse legado de forma evidente:

Os estudos sistemáticos que tratam da relação entre linguagem e sociedade começam a se solidificar aó longo de 1960, quando a sociolinguística emerge como um campo de saber interdisciplinar, com suas bases fortemente ancoradas na linguística, na antropologia e na sociologia. (SEVERO, 2004, p.127)

De fato, ancorada somente na base da Linguística, não seria suficiente para tirar a conclusão nesse tipo de relatividade, sabe-se que a ciência antropológica estuda os aspectos relacionados à cultura de um grupo de indivíduos, assim como a Sociologia, que estuda a realidade social e os fenômenos sociais, aliás, esse tripé que segundo autora formou a Sociolinguística.

Diante disso, vale ressaltar que, os fenômenos que acontecem dentro da vida do grupo de pessoas no âmbito linguístico e no social, que muitas vezes, identifica o indivíduo como ser portador de suas próprias identidades, advêm dessas influências, sobretudo, linguístico, cultural, social, político, religioso, geográfico, etc, que ao extremo leva ao aspecto de variação, no sentido da formação de realidade social.

Ainda que três ciências se aliassem na formação de uma nova ciência linguística para abarcar vários aspetos antes não estudados, por um lado, ainda criou outro problema, o qual tem sido causado séries de discussão no ramo da pesquisa Sociolinguística. Este enigma, seria o de desvendar concretamente, o que realmente influencia o indivíduo numa dada *realidade social*, a sociedade em si ou a linguagem.

Para Severo (2004), essa relação por natureza, faz com que esses fatores se opõem, criando o juízo de valor sem resposta, quem influencia quem, “(i) a linguagem determina a realidade social? (ii) a sociedade determina a linguagem?”, (SEVERO, 2004, p.127). Aliás, essas dúvidas o que podem ser consideradas referenciais, nos estudos sociolinguísticos.

Para alguns teóricos e literários, como o Machado de Assis, esse tipo de relação é influenciado pela tendência do Determinismo, conforme teorizados nas obras de O Cortiço e dentre outras obras que tinham os personagens a sociedade e seus legados socioculturais. Vê-se que, de forma implícita, certos personagens são categorizados segundo a classe social e cultura. E do mesmo fundamento, a autora, Severo (2004,p.127), conclui que seja um “certo tipo de determinismo”.

Empiricamente, pode se dizer que esta afirmação seja verdade, uma vez que, não só a sociedade em si e a linguagem são capazes de moldar o humano, mas, como teorizados nas obras de romances literários, os próprios ambientes sociais, locais, psicológicos e dentre outros, transfiguram o indivíduo conforme as regras naturais de seu estado. Essa tendência, então, seria interessante para compreender melhor as imposições referidas na temática.

Segundo essa mesma autora, Sapir, é um dos pioneiros estudiosos desta área, afirmara que a realidade social é produzida pela linguagem, o que implica dizer que a língua sobressai na primeira instância, sendo que, o homem compreende, decifra e organiza o mundo devido a sua língua, a qual ele é fluente. Dessa forma, os mundos sociais, não são iguais, à medida que há línguas diferentes, logo o mundo só é entendido pelo uso linguístico especificamente por cada grupo social. Assim, Severo (2004, p.130), para Sapir e Whorf, a linguagem determina a realidade social.

Em outra perspectiva, a autora supracitada menciona a teoria de Hymes, que segundo sua visão, a linguagem é constituída por haver diferentes classes sociais, em faixa etária, de gênero, “Esse pressuposto estipula que usos linguísticos se

diferenciam mediante instituições, valores, crenças e diferenças individuais, no sentido de que são as diferenças do mundo/da realidade/do contexto que causam diferenças linguísticas.” (SEVERO, 2004, p.130).

Por esta visão, (de Hymes), vê-se que ao contrário da primeira, aqui a sociedade vem influenciando a seu modo a linguagem. O que significa dizer que, no meio social há “linguagens” diferentes, conforme as necessidades linguísticas de certos grupos específicos. Por tanto, neste caso, a sociedade é que influencia a linguagem da maneira que querem moldar, esse pressuposto, faz analogia do que ocorre nas obras de Machado de Assis, a linguagem como produto do Determinismo social.

Ainda fazendo menção da relação sociedade/linguagem, a autora ainda menciona o postulado do Labov, em que teoriza que, através da linguagem, o indivíduo pode ser identificado, pela forma que utiliza os aspectos linguísticos, que perpassa pela utilização da regra gramatical, que na sua totalidade adquirida inconscientemente e por meio de compartilhamentos culturais entre seus semelhantes, o que gera o pressuposto de variação linguística e estilística.

Entretanto, todos os pressupostos acima mencionados, em resumo, infere que a sociedade e linguagem são fenômenos que se impõem mutuamente. Pereira (2012), postula sobre essa relação, ainda que a mesma também acredita quanto Rajagopalan (2006) em que ela cita no seu ensaio, de que a identidade do indivíduo se constrói na língua e através dela, mas, ainda afirma que “as identidades da língua e do indivíduo tem implicações mútuas”, (PEREIRA, 2012, p.34), tornando decisiva a ideia de que ambas (sociedade e linguagem) são constituídas inconscientemente através da relação do indivíduo com a língua e seu meio.

Esta visão evidencia o que se costuma verificar dentro das sociedades de diferentes níveis e classes sociais, haja vista que, a forma de falar de cada indivíduo pode ser elemento fundamental para identificação social, cultural, linguística, assim como seu comportamento sociocultural, sendo ele rico, pobre, a forma de agir perante outras culturas, ainda que seja dentro do mesmo lugar (geográfico), sua ação, costume e seu comportamento pode definir sua identidade, contudo, por este lado, é possível que seja entendido, tanto uma, quanto outra se relaciona de forma recíproca.

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA: ORIGEM, EVOLUÇÃO E POSTULADO VARIACIONISTA

Muitos estudiosos acreditam que a origem do estudo linguístico está estritamente ligada a manifestações de diversas culturas, por isso, o surgimento pode ser entendido como processo cronológico, Silva (2015) enfatiza brevemente sobre esta revolução.

A princípio, o ponto de partida, tende a focar a valorização da compreensão dos textos religiosos na Antiga Índia, o que segundo autora, a forma de manifestações sagradas do hinduísmo (vedas), era nesse tempo o objeto de estudos linguísticos.

Já na Grécia, focalizaram-se aos estudos das linguagens a partir das perspectivas filosóficas, tida como a ponte para o conhecimento. Paralelamente, também, é citado neste trajeto, os estudos que se voltaram a estudar as tradições linguísticas da antiga civilização grega, de acordo com Silva (2015), em Alexandria, considerando, diversos estágios da língua e traços distintivos do dialeto grego, a intenção, no entanto seria para explicar os textos literários.

Esses momentos, seria na visão desta autora, como tradição em que todos os estudos eram voltados aos outros interesses comuns, que é em especial a lógica, a retórica, a poética e ao bom uso da língua, imposição típica da sociedade medieval, geralmente, os principais estudiosos eram poetas, literários e gramáticos.

Já no segundo momento em diante, a maioria dos estudos começaram a ganhar novas roupagens, essa iniciativa se deve o bastante ao século XVIII, porque neste período que, conforme Silva (2015) os estudos da linguagem adquirem mais especificidades, assim desenvolve-se a Linguística-comparativa, por sua vez, neste momento a linguagem é estudada em si mesma e por si mesma.

E a evolução de estudos, não pararam, logo que no século XIX, tornaram-se mais preciso em seus objetivos, contudo nessa época se concretiza o método comparativo. Esse era um tipo de método comparativo, (idem) que consistia analisar e comparar as línguas em suas diversidades, visando verificar suas relações históricas e genéticas, resultando que esse método fez com que houvesse apreensão das características comuns das diversas línguas, isto é, teorização de famílias linguísticas.

Já por volta do final do século XIX, de acordo com a Silva (2015, p.10), surgiram outros estudiosos da linguagem, os chamados de neogramáticos, portanto, surgiram criticando a teoria e método adotado por histórico-comparativa, mencionada anteriormente. Quando esse grupo se propôs a apreender, a partir de um conjunto de postulados teóricos, inclusive para definir sobre esse tipo de teoria, Silva (idem), os quais postulam que neste momento que se lançam as bases da linguística moderna.

Inclusive na Linguística Moderna que surgiu o Curso de Linguística Geral por Ferdinand Saussure como precursor, esse por sua vez se tornou referência para todos os estudos linguísticos. Acredita-se que, sua obra só fora publicada após sua morte, isso se deve graças aos seus discípulos, que publicaram as compilações teóricas em 1916, explicitando como seria o inventário teórico para estudar a língua. Sabe-se o principal foco era, a língua, ao lado de Semiologia, assim como a distinções entre a linguística diacrônica, que consistia em evolução do sistema linguístico, e a linguística sincrônica, que observava sua organização e seu funcionamento.

Nessa última, segundo Silva (2015), Saussure faz também distinção entre língua (langue) e fala (parole). Sendo que, à primeira considerou de homogênea, como sistema de signos, o fenômeno social, tendo em bases os aspectos fonológicos, lexicais e sintáticos. Ao separar a língua e a fala, Saussure funda a Linguística estruturalista, a qual rejeita análises e discussões referente as relações entre língua e sociedade.

Na sequência cronológica dos estudos da linguagem, a Sociolinguística nasce em meados do século XX, Silva (2015), entre as décadas de 1960 e 1970, na época que estava acontecendo uma revolução dos estudos linguísticos, no sentido de combater as ações discriminatórias e ao normativismo, dominação dos mais fortes contra aos mais fracos, etc.

Costuma-se identificar como precursores desta nova ciência, os seguintes estudiosos da linguística, William Bright, Dell Hymes, John Fisher, Charles Ferguson, e em especial William Labov. Suas primeiras obras marcam os estudos referentes as sociedade americanas das diferentes guetos e classes sociais. Porém, para constituir de vez como ciência, segundo Hosana S. Silva, a Conferência Sociolinguística realizada no Universidade da Califórnia fora decisiva em 1964, assim instituindo a Sociolinguística.

De acordo com o Ferreira (1986), o termo Sociolinguística, consiste em séries de estudos linguísticos, acompanhados ao mesmo tempo pelos estudos antropológicos e sociológicos que tratam dos aspectos sociais do uso da língua, especialmente a das variações linguísticas que se dão no interior de um grupo, conforme as diferentes posições, funções ou circunstâncias dos indivíduos ou dos subgrupos de que estes fazem parte.

Portanto, vale enfatizar que a mesma, possui três bases teóricas fundamentais, Linguística, Antropologia e Sociologia. Enquanto que a primeira, trata da ciência da linguagem, a segundo como o estudo do ser humano, e última como estudo voltado às relações sociais no contexto da sociedade. Mas, além dessa tese, há estudiosos que apontam mais ciências envolvidas na fundamentação da Sociolinguística.

A exemplo disso, Edila V. Silva, relata que “Segundo essa vertente, linguagem, cultura e sociedade são considerados fenômenos inseparáveis, do que se conclui que a Sociolinguística teve origem multidisciplinar”, (SILVA, 2011, p.50). De tão multidisciplinar que fez relação também, “a filosofia”, “psicologia, a neurociência, a semiótica etc”, (CAVALCANTE, 2011, p.242).

Contudo, a sociolinguística tornou-se uma das ciências mais complexas, sendo que seus objetivos perpassa da Linguística anterior teorizada pelo Saussure. Em sua vertente, vem abranger a relação entre a linguagem e a sociedade nos variados aspectos, assim considerando no fundo os valores das ciências as quais a formularam, conforme dito acima.

Apesar dessa perspectiva, segundo Candido & Barros (2015, p. 3), a sociolinguística surgiu em meado na década de 60, contrapondo teoricamente a Linguística Geral de Saussure, uma vez que, Moreira (2015), ao contrário do Estruturalismo, que tem como a língua um objeto homogêneo, por sua vez, trata da língua no ponto de vista do estudo como objeto heterogêneo. Mas que ao mesmo tempo, segundo esse mesmo autor, coincidem no que tange a língua como fenômeno social:

O Estruturalismo coincide com a Sociolinguística Variacionista quanto à concepção do caráter social da língua, uma ferramenta compartilhada por todos os membros da comunidade de fala que a usam e a dominam, o que permite a comunicação entre si. (MOREIRA, 2015, p. 183)

Mais adiante, o estudioso faz menção de que, a contraste há devidamente porque para Suassure, não interessava os aspectos existentes da linguagem como variações de variados aspectos, como visto, a própria fala, a não ser “dicotomias” muito enfatizadas por ele. Pelo menos, doravante, dentro da perspectiva teórica da Sociolinguística, muitos itens não considerados importantes perante a Linguística Geral, agora são tidos importantes nos delineamentos científicos.

Para melhor entender, ainda de acordo com Moreira (ibidem), o Estruturalismo, apenas se preocupava em analisar a língua como um sistema idealizado, imanente e homogêneo, onde os elementos linguísticos se combinam e se organizam regidos por regras de dependência ou oposição. De acordo com McCleary (2007), Saussure fazia menção e teorizava de que a língua não pertencia aos indivíduos, o que segundo a sua teoria, apesar de ser fenômeno social no sentido de linguagem, dizia que a língua era exterior ao indivíduo.

Inclusive, essas posturas teórica-metodológica do Curso de Linguística Geral e do Estruturalismo, no século XX, se colidiu à medida que surgiu, como dito, a Sociolinguística, uma vez que diferentemente da primeira, ela teve seus olhares voltados além da língua em si. Historicamente, ou melhor, cronologicamente, o termo foi utilizado pela primeira vez em 1953, de acordo com Cavalcante (2011), buscando devidos interesses:

O termo “Sociolinguística” apareceu pela primeira vez em 1953, num trabalho de Haver C. Currië. O estudo dessa disciplina desenvolveu-se nas décadas de 50 e 60, nos Estados Unidos, e o interesse despertado pela pesquisa deve-se: a. à grande divulgação dos estudos da comunicação; b. à necessidade de maior aproximação com outros povos, ou de conhecimento melhor da própria comunidade e; c. à divulgação dos estudos de Sociologia e Linguística. (CAVALCANTE, 2011, p.243)

Porém, a data mais precisa do surgimento desta ciência, segundo autora, é no ano de 1964, principalmente após séries de publicações de obras científicas e livros, inclusive dos estudiosos como Gumperz, Labov, Hymes e a Conferência de William Bright em Los Angeles. No entanto, para muitos estudiosos, Labov ficou conhecido como fundador da Sociolinguística.

Essa atribuição dada ao Labov como fundador, ficou conhecida, conforme Cavalcante (2011), é porque, o mesmo inaugurou esta disciplina no ano de 1963, na época em que analisa o inglês falado na Ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts (EUA) e demais outros, considerando, como já mencionado,

diferente de Saussure, o uso da fala no contexto social e não no sentido individual. Assim, a Sociolinguística, no seu estado evoluído como ciência, centra-se nos seguintes pressupostos:

Leva em consideração o caráter individual e social da língua, pois cada indivíduo possui seu modo particular e pessoa de usá-la, ou seja, usa a variedade que melhor lhe apraz no momento de se expressar. Contudo, a escolha dessa variedade depende de diversos fatores como: sexo, idade, origem e convivência sociocultural, contexto em que a fala acontece, etc. (CASTILHO, 2010 apud CÂNDIDO & BARROS, 2015, p.3)

Sabe-se que, há séries de variáveis os quais o estudo sociolinguístico se interessa, neste caso, de acordo com Cavalcante (2011, p. 246), em sentido mais evidente seria também como seu objetivo é a língua falada, sinalizada, observada, descrita e analisada em seu contexto social ou em situações reais de uso. Tendo como ponto referencial é a comunidade linguística, um grupo de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas a respeito dos usos linguísticos.

Por isso, a esta flexibilidade, ou seja, por ter interesse aos fatores “variantes sociais” no contexto social, uma vez que, busca estudar além dos fenômenos linguísticos, sua relação dentro da sociedade, sendo essa, das vezes estratificadas em faixa etária, gênero, pobre, rica, regionalizada e contextualizada segundo a realidade social de cada grupo, conforme ressalta a respeito disso, Coan e Freitag (2010), que afirmam que:

A teoria da Variação e Mudança Linguística (também chamada Sociolinguística quantitativa ou Laboviana), tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. A língua é vista pelos sociolinguistas como dotada de “heterogeneidade sistemática” fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade. (COAN & FREITAG, 2010, p. 175)

Dessa forma, vê-se que, depois de evoluída quanto ciência do estudo da linguagem, recebe esses nomes devido seus princípios teórico-metodológicos, em síntese, a sociolinguística, ao mesmo tempo que estuda a língua estuda o ser humano o que usa essa língua, quantitativa, Silva ((2011, p. 51), porque opera com números e tratamentos estatístico dos dados, variacionista, pois acredita que a língua varia de acordo com o grupo social, assim como muda no tempo, historicamente e no espaço.

Sua identificação, como “Laboviana”, consiste pelo fato de ser fundada por Willian Labov, que na ocasião segundo estudiosos, foi fundada para estudar a língua como fator social, diferentemente das teorias de seus antecessores estruturalistas e gerativistas.

No entanto, vale ressaltar assim como Moreira (2015, p.189), que esta não deve ser mal interpretada como teoria da fala, muito menos o estuda da língua com propósito exclusivo de descrevê-la, que segundo autor, na verdade trata do estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística. O que também para o mesmo autor, “veio para suprir as lacunas não atendidas pelos modelos estruturalistas e gerativistas”, (MOREIRA, 2015, p.188).

Assim, uma das características marcantes dos objetosdo estudo sociolinguístico, Moreira (2015, p. 83), é a variação linguística da qual implica a heterogeneidade social em relação a heterogeneidade linguística. De modo igual, isso se deve também, a utilização de normas e padrões de uso nos níveis de fonologia, morfologia e sintaxe, e ainda à utilização da língua pelos diferentes estratos sociais de comunidade de fala, e até mesmo de uma comunidade em relação a outra que falem a mesma língua natural. As variáveis desse tipo, seriam objetos do estudo da Sociolinguística.

2.2.1Variedade Linguística

Falar de Sociolinguística, sempre faz menção a dois termos, variedade linguística e preconceito linguístico. Sem embasamento teórico, entende-se por variação linguística, a forma múltipla da língua se apresentar no meio social, dependentemente do contexto histórico, geográfico, gênero, faixa etária e classe social.

Já o preconceito linguístico seria uma analogia, em que faz menção a preconceito racial, gênero e de classe social a partir do ponto de vista linguístico, que em certa feita, faz crer na ideologia de que sempre há a língua certa e a errada, a mais bonita e a mais feia, a de prestígio e de não de prestígio ou não. Moleirinho et. Al (2016), enfatizam o seguinte:

Variação linguística é a propriedade da língua de se modificar em razão da situação de uso e das características do falante, como faixa etária, região, classe social, entre outras. Variedade linguística é o modo de falar e escrever de uma língua, de acordo com as possibilidades de variações de seus elementos... (MOLEIRINHO et al, 20116, p. 2)

Para existir essas variedades, é possível que tenham diversos fatores condicionantes e transformadores. Aliás, essas condições se deve ao próprio ser humano, à medida que ele é o ser social, comunicativo e que sempre está em estado de evolução e trânsito, sem contar que neste contexto, está também relacionado o fator histórico, a mudança de situação contínua, o que resulta geralmente na transformação social, no fim, a língua.

Esses fatores, são compreendidos mais detalhadamente a partir dos estudos sociolinguísticos, o que costumamente definem em variedades: geográfica, histórica, faixa etária, classe social e gênero. Além de demais, como norma-padrão e não-padrão, gíria, jargão, dialeto, etc.

Um dos estudiosos a conceituar as variedades linguísticas, define cada item acima mencionados de forma definida, a exemplo como mostra a seguir: de acordo com a Cavalcante (2011), "Variação Diatópica ou Geográfica – relaciona-se a diferenças Linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas.", (CAVALCANTE, 2011, p. 248).

Para autora, esses termos são técnicos, que conceituam àquelas formas de variedades de língua utilizadas num determinado país, ainda que seja a mesma língua, idioma ou dialeto, mas que se diferenciam pelas divisões geográficas, como o exemplo de estados brasileiros, nos quais, o certo objeto pode ser chamado e conceituado com nomes diferentes, sobretudo utilizando a mesma língua (português brasileiro).

Neste sentido, Cavalcante (Ibidem), mostra alguns dos exemplos práticos, citando os falantes "pessoenses", que seriam habitantes de João Pessoa e "gaúchos", por certas vezes apresentam sotaques bem distintas uma da outra, e consequentemente, nominam certos objetos com nomenclaturas diferentes.

Já segundo Silva (2015, p.21), variação diatópica, é aquela variedade que reflete socialmente as características regionais da fala, identificando o falante com uma determinada localidade. Um dos exemplos interessantes, nesse caso, as diferenciações entre o rural e o urbano: *lanche* – *merenda*; *calçada* – *passeio*; *lei[tɛ]* – *lei[tɨ]*; *ca[i]ne* – *ca[r]ne*.

Por falar de variação diatópica, algumas cidades do Estado do Pará, nomeiam o "suco congelado numa sacolinha" com nomenclaturas diferentes, e ainda utilizando a mesma língua portuguesa, por exemplo, na cidade de Jacareacanga-Pa,

o objeto se chama de “*chopinho*”, em Itaituba-Pa, se chama de “*flau*”, na cidade de Belterra-Pa, assim como nas demais localidades por vezes em outros estados, se chama de “*geladinho*”. Sobretudo, é interessante que se um habitante conhece por um nome, fica difícil ele entender por outro, essa é uma das definições da variação diatópica.

Outro nome técnico que autora mostra, é a Diastrática ou Social, que consiste em variedades de língua utilizado pelos públicos diferentes socialmente, porém, diferentemente da primeira, essa pode em uma mesma dada localidade, o que seria variadas são as classes sociais, que consequentemente, implica nas variedades linguísticas.

Essa variedade (diastrática) é a que “compreende as diferenças linguísticas relacionadas ao lugar ocupado pelo falante na estrutura das relações sociais – escolaridade, classe social, gênero”, (SILVA, 2015, p.21).Tendo como exemplos para autora: *zóio – olhos; drento – dentro; nó[i]s vai – nós vamos; a gente somos – a gente é*, etc.

Aqui, vê-se que pessoas são identificadas por meio de sua linguagem e a fala, para muitos estudiosos, pessoas pobres e ricas têm suas variedades, indivíduos de gêneros diferentes também têm seus dizeres distintos, faixa etária também contribui nessa questão, e por fim, assim como os contextos e situações sociais, também influencia no surgimento e concretização de variedades linguísticas.De acordo com a Carvalho (2011) :

Variação Diastrática ou Social – relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Classe social, idade, sexo e situações ou contextos social são fatores que estão relacionados às variações de natureza social. (CAVALCANTE, 2011, p. 249)

Sintetizando ainda sobre os tipos de variedades comuns, Bagno (2012), também definem cinco, conforme o que segue:Variação diatópica: Variações ocorridas nas diferentes regiões, também chamada de variação regional; Variação diamésica: Variação relativa à relação entre linguagem oral e escrita; Variação diafásica: Variação que ocorre em função do contexto de fala; Variação diastrática: São as variações sociais, resultantes da convivência entre certos grupos sociais; Variação diacrônica:Variação devido às transformações sofridas na língua ao longo do tempo.

Neste contexto, há inúmeros exemplos que servem para tirar conclusão a respeito de variedades dentro do mesmo local, do ponto de vista é claro social, à medida que houver grupos sociais distintos entre si. É comum, nas feiras as pessoas conversarem entre si sobre certas ocasiões, na fila de banco, nos hospitais, sem que não ocorra ali variedades.

Feirantes por exemplo, não utilizam as mesmas variedades do que trabalham nos bancos. Pessoas, analfabetas não têm os mesmos hábitos linguísticos quanto as das alfabetizadas ou letradas. Os enfermeiros, os jogadores e músicos, tem seus dizeres próprios.

Inclusive, essas condicionantes que das vezes, são fatores decisivos na identificação social. É interessante, nesse caso por exemplo, citar alguns dos exemplos de como as pessoas são identificáveis pelo discurso, uma vez que, “A língua faz parte da identidade do falante”, (CANDIDO & BARROS, 2015, p.5), diferencia-se jornalista amador pelo jornalista profissional por simples fato de usar o discurso, seu desenvolvimento e postura perante o uso linguístico formalizado de acordo a categoria que lhe é atribuída.

Também é comum no meio político partidário, alguns dos integrantes discursar com nível intelectual alto, médio ou daqueles que utilizam a linguagem coloquial mesmo, sendo que a esse não foi herdado o máximo de conhecimento intelectual, no sentido de usar a língua e a gramática ou norma-padrão, conforme o contexto ou a situação. Assim, perante a sociedade, da mais pluralizada que seja, o indivíduo é identificado, segundo Cavalcante (2011), um advogado e um ambulante possuem linguagens diferentes e vice-versa.

O fator idade também, é mencionado como condicionante da variedade pela Marianne Cavalcante, haja visto que, pessoas de diferentes faixas etárias não costumam partilhar da mesma linguagem. Crianças naturalmente têm seus linguajar próprios, adolescentes que possuem seus dialetos, os jovens, os adultos e consequentemente, os idosos que também não compartilham da mesma linguagem.

Isso acontece naturalmente, porque dentro desses grupos, o uso do léxico é particular a cada faixa etária, assim, não é comum que os idosos utilizam para se comunicar entre si a linguagem utilizada pelos adolescentes ou pelos jovens, e da mesma forma ao contrário, de que é impossível que os adolescentes e jovens partilham da língua dos idosos para conversarem entre si.

Linguajar “*maneiro*, com sentido de uma avaliação positiva”, Cavalcante (2011, p.249) aponta como um dos dizeres específicos das pessoas mais jovens, o que não é presente geralmente nos dizeres das idades mais elevadas. Esse fato de utilização das linguagens específicos se tornou mais comum nos dias de hoje, na medida que tecnologia veio trazendo seus legados, assim, é possível haver grande repertório verbal, no que tange estrito aos adolescentes.

O gênero sexual, é igual a do anterior mencionado, porque, diferentes tipos de variedades nessa categoria também são encontrados. De modo que, isso implica desde as faixas etárias, assim como dito que, diferentes faixas etárias têm seus repertórios linguísticos próprios, só que além disso, distinguindo entre o masculino e o feminino.

Assim, em síntese, os homens apresentam e possuem seus próprios dialetos, o que não são utilizados entre as mulheres, mas vale enfatizar que, quanto a isso não consiste dizer que esse fenômeno requer a mudança da língua em sua totalidade, mas em certa proporção apenas a utilização de certa quantia de variedades que diferenciam do oponente, o linguajar feminino.

Da mesma forma acontece com os repertórios que são considerados femininos, segundo Cavalcante (2011), o uso frequente de diminutivos como “bonitinho” sempre é comum entre as mulheres. Afora esse tipo, têm uns que são restritamente utilizados somente por mulheres, como no caso dizeres “*tô de TPM*”, “*tô naqueles dias*”, “*tô prenha*” e entre outros.

Algumas das variedades utilizadas pelas mulheres são palavras que são acompanhadas pelo uso de “polidez” com intuito de amenizar um certo grau de inconveniência perante o seu interlocutor, como exemplo, “vou ao banheiro”, nesse caso não especifica o que vai fazer, se vai banhar, urinar ou defecar. E quando decide especificar, buscar gíria como “*fazer número 1*” ou “*fazer número 2*”, essa é uma das alternativas linguísticas usadas por mulheres.

Paralelamente, existem dizeres masculinos que são semelhantes a esses, como vou “tirar a água do joelho” que quer dizer urinar, “jogar o barro” no caso de defecar. No sentido mais inconveniente, “*comer mulher*” que significa transar com mulher, etc.

Alguns teóricos, afirmam que a própria cultura, sendo ela feminina ou masculina que implica na utilização de variedades, sendo que por isso, há discursos que categorizam cada qual conceito, de acordo com a pretensão estabelecido,

assim o homem usufrui da linguagem para definir seu atos conforme os costumes e modos e masculinos, e de forma igual a mulher também usufrui.

No sentido convencional, há diversas variantes são disponíveis tanto ao homem, quanto para a mulher, das vezes, utilizando polidez como dito ou sem a mesma. Assim, é comum que tenha série de léxicos disponíveis para conceituar uma determinada “coisa” com outros nomes, num dado gênero, contexto ou situação.

Por falar nisso, Silva (2015, p.21), considera esse tipo de variedade como Variação Estilística ou Diafásica, que “compreende as diferenças linguísticas associadas às circunstâncias de comunicação – tipo de texto, assunto da mensagem, lugar da interação”, que podem ser exemplificados da seguinte forma: *há dois meninos – tem dois meninos; a gente vai – nós vamos*.

Inclusive, ambas as últimas, são fatores que são considerados por sua vez, como elementos linguísticos capazes de moldar o mecanismo funcional da linguagem, à medida que houver necessidade e demanda segundo o contexto e situação sociolinguística. Dessa forma, as pessoas apresentam, ou seja, poucas pessoas possuem habilidades de se adequar numa dada ocasião. Por exemplo, o acadêmico, dentro do convívio cotidiano geralmente utiliza da linguagem comum do dia a dia, mas, enquanto vai apresentar seu trabalho escolar ele fica passível ao máximo de se adequar para se expressar a altura de seu trabalho acadêmico.

Inclusive, isso acontece com profissionais também de alto grau de intelectualidade, palestrantes, como pessoa comum, ela é submisso à linguagem comum, já na durante a apresentação de sua palestra, essa fica totalmente subordinada pela situação a que se submete, e conseqüentemente, adequa-se à linguagem para atender a expectativa do seu ofício.

Contudo, este contexto o que mais influencia os seres humanos, sendo por faixa etária, gênero ou classe social. Por isso, entende-se que cada lugar ou ambiente possui linguagem própria, bar, hospital, velório, campo de futebol, casamento, missa, conferencia, júri popular, delegacia, etc, nestes casos, “qualquer pessoa modifica a sua fala/sinal, de acordo com o(s) seu(s) interlocutores – se este é mais velho ou hierarquicamente superior, ou ainda, segundo o lugar em que se encontra”, (CAVALCANTE, 2011, p. 249).

Um dos tipos de variedades, pode se citar, Neologismo, Jargão, norma padrão, norma não-padrão e dialeto, conforme McCleary (2007), conceitua quanto a primeira, “‘neologismo’ é o termo científico para ‘nova palavra’, que ocorre quando

“muitos dos conceitos, e as palavras que usamos para falar deles, nascem de dentro da própria cultura e da própria língua”, (MCCLEARY, 2007, p.32).

De modo que, como o autor diz, no fenômeno neologismo, as palavras já existentes ganham a nova formação lexical e o novo conceito semântico, o exemplo disso é o que aconteceu com a palavra “sofrência”, que no contexto atual, a priori, consiste em derivado do ritmo musical do gênero arrocha e sertanejo, em que o eu lírico prioriza com efeito a paixão e o sofrimento, um dos representantes desse gênero é o cantor e o compositor Pabblo. Quanto ao jargão, o autor nos esclarece que o

Um jargão é uma linguagem específica para uma determinada atividade. Em geral, jargão é marcado por muitas palavras ‘diferentes’, palavras que só são entendidas pelo grupo de pessoas que são especialistas naquela atividade. Esse tipo de variedade, pode-se de chamar de linguagem técnica, pois seu uso depende do conhecimento específico de uma determinada especialidade. Por exemplo, linguagem dos médicos, dos enfermeiros, dos juizes, dos advogados, dos pedagogos, físicos, economistas, e dentre outras áreas de especialidade. (MCCLEARY, 2007, p. 45)

Desse modo, vale ressaltar que, esse tipo de linguagem não compreendido pelo pessoa comum, pelas consideradas leigas perante aquela especialidade, por isso, cada uma delas é tida como variedade. Em relação a norma-padrão, consiste num tipo de linguagem tido como língua convencional, no sentido de formalidade, por isso essa variedade é considerada como a variedade que é regida pela gramática normativa, a língua essa que ensinada na escola, a partir da perspectiva de livros didáticos, literários e gramáticos.

Aliás, geralmente, o que leva a crer a maioria das pessoas como língua de verdade, a linguagem certa e a difícil, assim como postulou Bagno (2012) e demais linguistas, nos seus ensaios linguísticos. Em relação à posição de Norma-padrão como língua certa, Alkmim(2003), enfatiza o seguinte:

A variedade padrão de uma comunidade – também chamada de norma culta, ou língua culta – não é como o senso comum faz crer, a língua por excelência, a língua original, posta em circulação, da qual os falantes se apropriam como podem ou são capazes. O que chamamos de variedade padrão é o resultado de uma atitude social ante a língua [...] a variedade padrão, historicamente, coincide com a variedade falada pelas classes sociais altas, de determinadas regiões geográficas [...] coincide com a variedade linguística falada pela nobreza, pela burguesia, pelo habitante de núcleos urbanos, que são centros do poder econômico e do sistema cultural predominante. (ALKMIM, 2003, p. 40)

Já a variedade não-padrão, pode se considerar também como linguagem coloquial, a variedade que é utilizada pelas pessoas comuns no dia a dia, linguagem compreensível a qualquer pessoa leiga. Aliás, de acordo com estudiosos, é língua que domina no sentido geral todas pessoas, uma vez que, inconscientemente ela domina o ser falante, ainda que o homem pode ter conhecimento específico da linguagem, mas, no sentido cotidiano, ele é dominado pela linguagem coloquial, uma vez que, o que acredita que é impossível alguém sempre falar de acordo com linguagem técnica, de norma padrão e com jargão especializado, a não ser no momento propício.

Teoricamente, a linguagem coloquial, segundo Ferreira (1986), é o estilo em que se usam vocabulário e sintaxe bem próximos da linguagem cotidiana, assim pode se denominar também de linguagem simples, para sua aquisição não precisa estudar na escola a gramática e os livros didáticos, a própria cultura social se encarrega de inculcar nas pessoas, e também isso ocorre naturalmente.

A respeito do conceito de dialeto, McCleary (2007), levanta questões importantes a ser mencionadas, pois para ele, este termo tem sido o problema para linguística, porque segundo ele, para as pessoas comuns dialeto significa o uso linguístico das pessoas que nunca frequentaram a escola, assim no sentido pejorativo o discriminam como linguagem errada e estranha, enquanto que para Sociolinguística, o conceito de dialeto é propriamente a linguagem regional. Assim as pessoas que usam dialeto, falam variedade regional.

Além desses exemplos clássicos, a mesma autora ainda postula, sobre outro tipo de fator determinante, que trata da Mudança Metafórica. Nesta, ela apresenta que o homem é ser racional no que tange à utilização da língua, em certas ocasiões ele pode moldar a linguagem para conceituar o significado desejado, sem que haja de fato a variedade linguística, esse fenômeno pode ocorrer, a priori, conscientemente, em situações como:

Mudança Metafórica – é uma interação social particular em que o indivíduo decide mudar de variedade Linguística sem que tenha ocorrido mudança de situação. Ex. “aonde a senhora pensa que vai?”, pergunta o pai à filha. O pronome de tratamento “senhora” está carregada de ironia. (CAVALCANTE, 2011, p .249)

Diante desses postulados, falar de variedades linguísticas, implica na existência de várias classes sociais, ainda que sejam falantes da mesma língua,

porque devido a essas variedades que certos grupos se sobressaem em cima de outro, às vezes, isso traz grande consequência, como no caso de imposição da classe favorecido sobre a classe menos favorecido, gerando assim como autores postulam, o fenômeno chamado de Preconceito Linguístico.

2.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO COMO RESULTADO DAS VARIEADES LINGUÍSTICAS

Como foi bem enfatizado a respeito da relação linguagem e sociedade, mas diante disso, vale ressaltar que, o estudo sociolinguístico não se delimita não somente aos estudo de linguagens em si, também, este campo de conhecimento volta-se a consequência dessas relações mútuas, inclusive, tornando a “cara” da Sociolinguística em essência, neste caso, o preconceito linguístico é um dos variáveis estudados neste ramo.

A preocupação da Sociolinguística desde os primórdios, é se preocupar com as minorias das vezes estigmatizadas devido a relação de jogos de diferentes interesses sociais. Uma vez que, como é sabido, a variação linguística, Silva (2015, p.31), é constitutiva das línguas naturais, esse mecanismo é motivado por variáveis intralinguísticas, quer dizer – dentro da mesma língua, assim por variáveis históricas, geográficas, sociais e contextuais, no fim resulta numa sociedade estratificada, na qual é comum que uma seja prestigiada socialmente, no sentido financeiro e nível escolar, e outra desprovidas, contudo, gerando preconceito linguístico.

Quanto a definição do Preconceito Linguístico como fenômeno social em face a língua, se propõe como “o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro”, (SCHERRE, 2008, p. 12 apud SILVA, 2003, p.31).

No mecanismo desse mal, geralmente, discriminam-se as variedades considerada como sem valor, tais como usos linguísticos de negros, indígenas, e de indivíduos de baixa escolarização, que segundo autora, definidas por “língua ruim”, “língua errada”, língua de selvagem”, “língua incivilizada”, “língua estropiada” e dentre mais definições discriminatórias, isso, por oposição ideologicamente ao português padrão, tido como, Silva (2015), correto e oficial.

Pelo menos, não é por mera coincidência que o preconceito existe dentro do aspecto linguístico, a priori, como no início desta pesquisa, foi dito que a linguagem

e sociedade são fatores inseparáveis, assim inferindo de que existe preconceito linguístico, devido a imposição ideológica do ser humano, à medida que há na comunidade linguística a inferior e superior, integrantes da relação dual, linguagem/sociedade.

Nos dias de hoje, esse fenômeno tem sido grande interesse de debates entre linguistas, sociólogos, pedagogos, ONG filantrópicas e diversos órgãos governamentais, com intuito de coibir a sua proliferação, como mal das sociedades modernas. Acredita-se que, qualquer grupo racial e étnico, usufrui desse infortúnio sociolinguístico, sua origem está relacionada ao fator social, que por sua vez, organiza os grupos sociais politicamente hierarquizada, então, preconceito pode estar relacionada a política organizacional dos seres humanos.

Por isso, que está ligado na definição de, qual a língua é mais bonita e mais certa, assim, automaticamente, desfavorecendo as variedades daquelas pessoas que são pobres, analfabetos e minoria no sentido de prestígio linguisticamente. Nesse sentido, acredita-se também, que instituições de ensino contribuíram para o aumento, os quais sempre prestigiaram como “certos” a língua de poetas, dos literários, dos didáticos, que em suma não passava de imposição linguística imposta politicamente pelos dominadores, os portugueses dos tempos remotos.

Bagno (2012), por exemplo, foi um dos renomados estudiosos que mais explicitou sobre o conceito de preconceito linguístico nas suas obras científicas, inclusive esse estudioso, postulou nesse sentido, de que muitos, mesmo sendo brasileiros, acreditam que a língua certa é de Portugal. Porém, defendendo que no Brasil a língua falada é do Português Brasileiro, sendo assim é diferente e precisa ser considerada como língua de prestígio. Além disso, esse estudioso, postulou sobre vários mitos referente ao preconceito linguístico, assim, desmitificando.

O resultado do preconceito linguístico é grave, e é considerado crime perante as leis vigentes, sendo que uma vez feito, pode lesar criminalmente o indivíduo, sua característica principal está relacionada a desmoralização da língua daquele que a fala em razão de sua ser diferente, estranha ou errada, por entender como crime, não é porque alguém discrimina a língua de seu próximo, mas, pelo fato de que através dessa perspectiva, o réu pode sentenciar da maneira que bem entender, que das vezes, sua ira a outro não está de fato relacionado à língua (diferente), mas sim, de diversas ordens de preconceito: racial, gênero, étnico, classe social, entre outros.

A esses fatores ideológicos-sociais presentes implicitamente, Marianne, enfatiza o seguinte:

Uma língua não é homogênea, é produto de sua história e de seu presente, não existe línguas nem variedades "inferiores". "Julgamos não a fala, mas o falante, e o fazemos em função de sua inserção na estrutura social". As avaliações sociais feitas em relação a uma língua se baseiam em critérios não linguísticos: são julgamentos de natureza política e social. Não é casual, portanto, que se julgue "feia" a variedade dos falantes da zona rural, de classe social baixa, com pouca escolaridade, de regiões culturalmente desvalorizadas. (CAVALCANTE, 2011, p. 251)

Diante desse ponto de vista, fica evidente de que, de fato, a pessoa que é munido de preconceito linguístico às pessoas que as consideram anormal, não quer dizer que acha estranho a sua língua, contudo, ele discrimina porque se acha no topo da sociedade favorecida, sua posição preconceituosa o coloca na posição de ser o melhor, e o mais correto, herdeiro aparentemente da verdadeira língua, enquanto que na verdade, dominado por preconceito pelas outras ordens mais forte, o de ordem de "crime".

Quanto ao conceito de preconceito linguístico, a autora referida acima, conceitua da seguinte acepção:

Preconceito Linguístico – é a não aceitação Linguística, é um comportamento social facilmente observável. Ocorre com a rejeição a certas variedades, concretizada na desqualificação de pronúncias, de construções gramaticais e de usos vocabulares, é compartilhada sem conflito pelo senso comum. (CAVALCANTE, 2011, p. 251)

Conforme dito, é comum que a maioria das pessoas ajam dessa forma perante os falantes das variedades de diferentes ramos, sendo geográfica, social, gramatical, lexical, etc, mas vale, enfatizar que, isso ocorre devidamente pela força da lei natural que sobrepõem a política e o social, frente ao uso da língua. Assim, os "criminosos" não demonstram na realidade a rejeição perante a "língua" falada erroneamente, e sim de fato concretizando a desqualificação do indivíduo de uma classe desprestigiada.

Dentro desse contexto, pode-se apontar alguns dos exemplos como ocorre a discriminação linguística. Os teóricos sociolinguísticos, faz nos entender que, isso parte da ideia de que, existe em cada sociedade pessoas de alta escalão, que

geralmente representadas pelas pessoas ricas, intelectuais, grupos com condições financeiras altas.

Essa posição as leva crer, que somente tais classes, conhecem e utilizam da língua certa, simplesmente porque tiveram condição para financiar os estudos em época de escola a estudar a gramática, que levou ao patamar de falante, como conhecedor de língua de prestígio, a gramática normativa.

Então, na visão de muitos, a riqueza e o poder é sinônimo de falar corretamente, e pessoa quanto mais pobre financeiramente, é considerada no seu entender, também pobre de língua. Porque fala errado, fala engraçado, porque fala diferente. Esse “pretexto” na verdade não de passa de ignorância, de irracionalidade pela própria ignorância.

2.4 GÍRIA COMO IDENTIDADE SOCIAL

Ao lado de uma das variedades, Gíria, é uma categoria sociolinguística tida como flexível, na medida que existir grupos diferentes numa sociedade. No entanto, ela surge da necessidade de cada grupo específico, visando definir, conceituar, significar, categorizar e identificar certos objetos, situações, modos e atos perante mundos específicos de cada grupo social, utilizando o mecanismo lexical a partir da perspectiva metafórica.

Quanto a origem histórico do termo, Maria de Lourdes Remenche (2003), ao citar Corominas e Pascual (1997), frisa sobre a sua etimologia, que a princípio, seu conceito era atribuído a língua restrita e inacessível às pessoas que não faziam parte de um certo grupo, conforme ela cita:

De acordo com Corominas e Pascual (1999, p.508), *jerga* (gíria) ou *jeringonza* (geringonça), é o termo que aparece em 1734 e significa língua especial, usada por indivíduos de certas profissões e ofícios, de difícil compreensão. O termo deriva do occitano antigo *gergon* que, por sua vez, foi tomado do francês antigo *jargon* ou *gergon*, dialetalmente *gargon*, que significa “gorjeio dos pássaros”, de onde vem a definição da “fala incompreensível”. Essa palavra possui uma raiz onomatopaica: *garg*, que lembra o ruído do gargarejo. (REMENCHE, 2003, p. 19)

Diante do exposto, entende-se que seu termo quando surgiu, ela estava relacionada ao modo da Língua Provençal da Idade Média, a priori, com as visões e cosmologia daquele tempo. Aliás, isso fica evidente, na medida que é dado ao

segundo termo onomatopaico (garg) que por sua vez, faz lembrar da linguagem literária Medieval, característica do Bucolismo.

Por falar de “língua especial usada por indivíduos de certas profissões e ofícios”, e de “fala incompreensível”, faz-se à analogia ao conceito atual da gíria, uma vez que, para muitas pessoas ela é definida dessa forma. Enquanto que, para certas pessoas é entendida como língua específica, outras, a discriminam como língua rebaixada, que das vezes, como se fosse impregnada de valores negativos. Para justificar como componente das línguas especiais, ao lado de jargão, Remenche (2003), para enfatizar como a gíria surge dentre as determinadas sociedades específicas, quando escreve o seguinte:

De acordo com Cabello (1989, p. 04), a extensão geográfica é responsável pelo nascimento de dialetos, enquanto os meios sociais propiciam a formação das chamadas linguagens especiais. A autora comenta que, a partir da década de 70, houve uma desmistificação do uso dessas linguagens quando, gradativamente, a gíria, o jargão e a linguagem erótica passaram a fazer parte da linguagem descontraída, despreocupada das pessoas ou, ainda, como forma de identificação grupal. (REMENCHE, 2003, p. 17)

Acredita-se de que, quando autora fala sobre línguas especiais, ela relaciona às várias línguas contidas numa mesma língua, como o exemplo: o jargão, o calão, a gíria, o *argot*, a linguagem obscena e a linguagem popular. Para se ter ideia, para Remenche (2003), gíria e jargão, tem as mesmas características linguisticamente, social e artificial, quanto ao seu uso se distanciam, sendo que a primeira “se relaciona com os grupos sociais, enquanto aquele com os grupos profissionais”, (REMENCHE, 2003, p.31).

Assim, a gíria está relacionada num lado, à identificação linguístico do indivíduo e social, na condição de que, isso é possível a partir da análise do mecanismo lexical, semântico, morfológico, sintático, e ainda por meio de frases e interjeições. Já no outro, ela está relacionada à influência do ambiente físico e sociocultural, elementos determinantes na formação de grupos específicos no ponto de vista linguístico.

Por isso, quanto a sua formulação é considerada como parasitária, isto é, para se criar depende da língua vigente, na condição de que “a gíria não é uma linguagem independente, mas uma forma parasitária da língua, da qual utiliza a

fonética, a morfologia, a sintaxe e o léxico... os processos de criação da gíria são os mesmos da língua comum", (REMENCHE, 2003, p.8).

Essa atribuição do processo de criação, seria pelo fato de querer atender a demanda de certos grupos, na identificação e entendimento de seu mundo específico, e também pela necessidade de diferenciar diante de várias formas de organização social, com os respectivos convívios e interesses comuns, essas condições inclusive, obriga a criação de seus próprios símbolos linguísticos, por meio de gíria.

Desses exemplos, há vários que podem ser mencionados, como: linguagem dos tatuadores, jogadores, adolescentes, traficantes, alcóolatrás, etc. Além de linguajar dos ribeirinhos, dos matutos, dos analfabetos, das vezes inclui até dos indígenas, que no conceito geral, nenhuma dessas gírias se colidem no que tange a semântica ou significado, ainda que poderia ser usada uma mesma palavra. Consequente diante do senso comum, esse tipo de manifestação linguística, fora das normas, as quais tidas como ideologicamente certa, (Gramática), torna a gíria suscetível à penalidade, sentenciada: como língua errada, usada pelos "burros", malandros e malfeitores ou pelos retardados.

Isso seria o fruto da próprio fruto da relação social, na qual politicamente, os mais fortes (favorecidos) dominam e discriminam os mais fracos (estigmatizados). Assim, nesse sistema, cada pessoa, pelo simples fato de falar um certo tipo de gíria, é entendida como integrante do X grupo, porque sua própria fala pode lhe entregar a quem a observa, porque gíria, como dito, é uma forma de identificação de indivíduo por meio de fala.

Em relação ao conceito de jargão, a autora postula, como diferente, ainda que tenha as mesmas características como, superficial e social. Porém, o que diferencia em relação à gíria, é que o jargão é uma língua utilizado por certos grupos sociais profissionais, dando ênfase de que seria tratando da linguagem técnica, ou um tipo de variedade utilizados pelos intelectuais.

Nesse sentido, pode se diferenciar, que a linguagem técnica dos médicos, não são compreensíveis por pessoas que não fazem parte da categoria. Advogados, sendo a sua linguagem carregado de léxicos latinos, também é entendido somente pelos seus colegas, policias têm seus dizeres próprios, professores (pedagogos, letrados, historiadores, matemáticos, físicos...), cada área de conhecimento estabelece um tipo de linguagem própria.

Quanto a atribuição de jargão, poderia ser inferido como também necessidade de cada grupo em relação a interpretar o seu mundo profissional, ou seja, conhecimento específico precisa ser definido com a própria linguagem da categoria. Aliás, isso é comum na ciência, na didática, cada área de conhecimento tem o seu acervo, capaz de atender a expectativa linguística, para estudar, ensinar, interpretar seu objeto de estudo, contudo que no final, isso implica na formação de linguagem específica, é o que acontece, segundo Remenche (2003), o jargão é uma linguagem profissional, apesar de coincidir com as características da gíria. Para Borba (1971), há dois tipos de gíria, que são:

Estas podem ser o grupo social ou profissional a que pertence o falante ou a diversas situações da vida cotidiana. Há dois tipos de gíria: a língua técnica propriamente dita, cuja finalidade é a precisão, pertence ao âmbito das classes profissionais e pode ser falada ou escrita; e a gíria usada por todos os falantes do grupo, em maior quantidade, dependendo do grau de cultura de cada falante. (BORBA, 1971, p. 77)

Em sua obra, denominada de “A Língua Popular e a Gíria Brasileira e Portuguesa”, porém sem identificação de edição e publicação, Edith Pimentel Pinto (2016?), reúne várias informações acerca de exemplificação de gírias. Primeiramente, esses exemplos são mostrados paralelamente a partir das ocorrências de gírias na Língua Portuguesa europeia.

Diante desses mundos semelhantes linguisticamente, a autora mostra como ocorre o processo de transformação da língua em gíria. Assim, nesta pesquisa explicita e assinala os devidos processos, em: supressão de fonemas, troca de fonemas, introdução de fonemas, composição, alterações semânticas, metáfora-ironia, especificação de sentido e sintaxe.

Acontece que, seu trabalho representa uma iniciativa primordial para o estudo desta área, uma vez que, no Brasil, raramente são produzidos estudos de gírias, por isso, sempre que se faz a teoria deste ramo, encontra-se dificuldade, para melhor conceituar o objetivo.

Mas considerando, o teor da referida obra, volta a visão para o mundo da realidade, no qual é interpretado, graças a existência de várias línguas dentro da mesma língua, inclusive o processo natural da utilização de gíria, como linguagem alternativa, assim, cada grupo social, molda exatamente para decifrar os detalhes de seu mundo.

Isso quer dizer que, a gíria, como foi dito acima, transforma-se de acordo com a necessidade social, isto é, quando o grupo de indivíduos se formam num determinado agrupamento, automaticamente, as situações, os modos, os contextos de convívios e seus interesses enfim, ganham sentido, as vezes, isso ocorre, porque a necessidade de interpretar os fenômenos cosmológicos obrigam a criar os tipos de símbolos, ora para submeter os mais fracos, ora para se defender contra os mais fortes, esse processo, inclusive é evidente no mundo policial, esses profissionais costumam criar código para despistar os oponentes, que são criminosos, que por sua vez, também costumam criar “gírias” para não ser entendidos pelas polícias ou pelas pessoas comuns.

Então diante disso, vale enfatizar que, o processo de criação de gíria é muito complexa em si, pois, além de ser linguístico, ele é gramático, semântico, fonológico, metafórico, pragmático, sobretudo, tudo que envolve o aspecto sociolinguístico, seja ele, geográfico, social, histórico e sincrônico. Isso decorre porque, “realidades diferentes vividas por grupos sociais diferentes originarão formas diversas de manifestações linguísticas”, (REMENCHE, 2003, p. 14). Assim, essas sociedades, são identificáveis, dotadas de costumes e linguagens próprias, para exemplificar desse tipo de variedade, a seguinte, há de se falar sobre a gíria garimpeira.

2.5 PANORAMA HISTÓRICO DA CIDADE DE ITAITUBA COMO PÓLO GARIMPEIRO

Desconhece-se precisamente, quando foi originado o Município de Itaituba. É consenso entre os historiadores, porém, que em 1812 já existia o lugar com o nome de Itaituba, cujo desbravador e fundador fora o Coronel Joaquim Caetano. Nessa ocasião, era um entreposto com barracas acompanhando as instalações comerciais. Em 1836, para lá foi enviado um pequeno destacamento do posto de resistência Brasília legal, fundado no mesmo ano, em decorrência do banditismo desenvolvido na Província do Grão-Pará.

Itaituba é um município brasileiro do estado do Pará, banhado pelo rio Tapajós, com aproximadamente mais de 97.343 habitantes segundo IBGE 2011, atualmente o município esta constituído apenas pelo distrito-sede: Itaituba. A origem do nome é tupi, significado o “o lugar de muitos pedregulhos”. Em tupi Itaituba significa “Pedra miúda em ambulância”. Em meados da década de 1980 e início da

década de 1990, tinha sua economia fortemente baseada na extração do ouro no vale do Tapajós, maior região aurífera do oeste paraense.

Nesse período, estima-se que tenha sido explorado da região mais de 1.000.000.00 (Hum milhão) de toneladas de ouro, conforme relatos de maiores garimpeiros da região- Rui Mendonça e Zé Arara. Na área do ecoturismo, a cidade de Itaituba possui uma excelente infra-estrutura hoteleira, praças, quadras de esportes, academias, ginásio, lojas de conveniência, escolas e etc. a cidade é cercada pela beleza serena das praias do rio tapajós, em virtude do garimpo o aeroporto de Itaituba foi um dos mais movimentados do mundo, em pousos e decolagens de aeronaves.

Em 1856 Itaituba tornou-se sede do município, cuja instalação ocorreu em 1857. Com a Proclamação da República, em 1900, obteve foro de cidade. O topônimo, de origem tupi, significa lugar de pedregulhos. Os habitantes locais recebem a denominação de itaitubenses. De acordo com Almeida (2012):

A pessoa natural de Itaituba é conhecida como Itaitubense. O slogan da cidade é Cidade Pepita, conhecida pela intensa atividade de mineração de ouro no Vale do Rio Tapajós, a grande diversidade de paisagens naturais (tais como as praias dos rios que se formam durante a época da seca, corredeiras d'água localizadas próximas ao distrito de São Luiz do Tapajós) e o Parque Nacional da Amazônia. (ALMEIDA, 2012, p. 684).

Conforme Almeida (2012), em Itaituba houve muitos conflitos por conta da garimpagem. Muitos índios e garimpeiros se chocavam por conta da disputa e corrida pelo ouro. Empresas e mineradoras também se lançavam nesta disputa pelo ouro e a questão da infraestrutura ocorria de forma desordenada e muito precária. Essa precariedade se revela nas ruas mal estruturadas, bairros sem nenhum tipo de planejamento e vários bairros com casas palafitas evidenciando o desordenamento estrutural da população Itaitubense.

Itaituba, desde o início do século XVI, tem sido alvo de pessoas que só querem explorar e destruir os bens naturais existentes, devido sua localização geográfica ser de fácil acesso desde os tempos passados até mesmo os dias de hoje. Toda essa integração do maranhão com o Grão-Pará após a criação de Belém serviu por sua vez para aperfeiçoar e proteger os contratos realizados com a metrópole, pois era muito perigosa a travessia devido as correntes marítimas não favorecerem muito e outros navios usarem de meios para atacarem-se uns aos outros. (ALMEIDA, 2012).

Uma das características mais evidentes do crescimento desordenado da Cidade de Itaituba é a grande aglomeração de pessoas vindas de inúmeros estados e cidades de todo o país. Isso permite que se diga que a cidade com perífrase de "Cidade Pepita" não possui uma identidade única, mas há manifestação de muitas culturas que convergem em uma cidade com características cosmopolitas.

Nesse contexto, Itaituba como cidade polo de exploração e comércio aurífero sofre influência de várias culturas, ocasionando na linguagem características de muitas regiões e sociedades diversificadas. Em se tratando da linguagem garimpeira, essas características são mais fortemente identificadas em regiões de garimpo que concentram grande quantidade de pessoas que vivem basicamente da exploração do ouro.

3. METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Este trabalho espera alcançar seus objetivos através da pesquisa exploratória e bibliográfica e de campo, pois irá abordar um tema em que se precisam ter conhecimentos estruturados sobre o mesmo. No qual será feito o uso de fontes bibliográficas com autores Gil (2008), Lakatos (2003), e Severino (2007), que abordam a temática de como se trabalhar diversas metodologias sem fugir do foco da pesquisa e dando ênfase a importância do negro no Brasil e a influência dos mesmos para seus Afrodescendentes. Para tal a pesquisa feita em bibliografias como livros, revistas, sites entre outros, nos permite aprofundar conhecimentos voltados para a temática abordada na pesquisa. (GIL, 2008).

Gil (2008), ainda ressalta que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. As fontes bibliográficas são em grande número e podem ser assim classificadas:

Fontes Bibliográficas, obras literárias de leitura corrente, obras de divulgação livros, dicionários, informativa, enciclopédias, anuários almanaques de referência, remissiva publicações, jornais periódicas revistas, impressos diversos etc. Os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência. Em função de sua forma de utilização, podem ser classificados como de leitura corrente ou de referência. (GIL, 2008, p, 44).

Pode-se observar que as obras de leitura constituem abrangentemente as invenções relativas aos vários gêneros literários tais como: (romance, poesia, teatro etc.) e ao mesmo tempo as obras de exposição, isto é, as que objetivam adequar informações necessárias ou especializadas no que se deseja alcançar. Os livros de referência, também designados como livros de consulta, ou seja, aquele o qual seu único objetivo é servir de suporte para os demais, é aqueles os quais têm por

objetivo autorizar a rápida obtenção das informações solicitadas, ou, então, a localização das invenções que as dominam. (GIL, 2008).

Para Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica compreende oito fases distintas: escolha do tema, elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fechamento, análise e interpretação, redação, escolha do Tema. Por sua vez o tema é o assunto que se deseja provar ou desenvolver; "é uma dificuldade, ainda sem solução, que é mister determinar com precisão, para intentar, em seguida, seu exame, avaliação crítica e solução.

Escolher um tema significa levar em consideração fatores internos e externos, os internos consistem em: selecionar um assunto de acordo com as inclinações, as aptidões e as tendências de quem se propõe a elaborar um trabalho que mereça ser investigado cientificamente e tenha condições de ser formulado e delimitado em função da pesquisa. Os externos requerem: a disponibilidade do tempo para realizar uma pesquisa completa e aprofundada, a existência de obras pertinentes ao assunto em número suficiente para o estudo global do tema, a possibilidade de consultar especialistas da área, para uma orientação tanto na escolha quanto na análise e interpretação da documentação específica. (LAKATOS, 2003).

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos. Essas vantagens da pesquisa bibliográfica têm, no entanto, uma contrapartida que pode comprometer em muito a qualidade da pesquisa. (GIL, 2008, p. 45).

Segundo o autor as principais fontes para a escolha do contexto podem originar-se do conhecimento particular ou profissional, de estudos e leituras, da observação, da descoberta de oposições entre trabalhos ou da semelhança com temas de estudo de outras disciplinas ou áreas investigativa. Após a seleção do tópico, o passo seguinte é a sua determinação. Que o mesmo deixa bem claro que é necessário evitar a preferência de assuntos muito amplos, de fato a preferência é que se tenha em mente um objeto de pesquisa desenraizada ou que conduzem a divagações. E não discussões intermináveis, repetições de lugares comuns ou "descobertas" já superadas. (GIL, 2008).

Para Severino (2007), a pesquisa bibliográfica é definida pela natureza dos temas estudados e pelas áreas em que os trabalhos se situam. Tratando-se de trabalhos no âmbito da reflexão teórica, tais documentos são basicamente textos, livros, artigos etc. Severino afirma ainda que pesquisa bibliográfica tenha por objetivo técnicas para descrição e classificação dos livros e documentos similares, segundo critérios, tais como autor, gênero literário, conteúdo temático data etc.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (LAKATOS, 2003, p.183).

Por mais que os livros tenham sido escritos por diferentes indivíduos ambos tinham a mesma linha de raciocínio a respeito da pesquisa bibliográfica, pois deixam de forma bem clara que as melhores maneiras de se fazer uma boa pesquisa bibliográfica é buscando em documentos antigos, revistas, jornais, livros e até mesmo sites variados. Visando assim uma pesquisa de fundamental importância para diversas áreas do conhecimento em geral. (LAKATOS, 2003).

Para Gil (2008), o estudo de campo procura muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo da pesquisa. Outra distinção é que no levantamento procura-se identificar as características dos componentes do universo pesquisado, estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação entre seus componentes.

Dessa forma, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação. O mesmo possui um modelo clássico de investigação no campo da Antropologia, onde se originou. E que por sua vez exige uma minuciosa pesquisa sobre cada detalhe encontrado, pois para que se obtenha êxito na pesquisa a que se pretende realizar precisa-se de um amplo conhecimento e interesse por parte de quem está a buscar informações.

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los. Exigem contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado (LAKATOS, 2003, p. 186)

O autor aborda a pesquisa de campo como um link de informações a ser seguidos, onde serão adotados procedimentos denominados pesquisa de campo, onde se almeja realizar viagens em alguns locais a serem explorados. No levantamento dos dados que podem ser utilizadas várias técnicas, como questionários, entrevistas, fotografias, entre outros, objetivando maiores informações que possam contribuir com desenvolvimento do referente projeto de monografia. Dando sempre ênfase nos dados a serem coletados e nos objetivos que de fato deseja-se alcançar. (LAKATOS, 2003).

Lakatos (2003), afirma que as fases da pesquisa de campo requerem, em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. Ela servirá, como primeiro passo, para se saber em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto.

Como segundo passo, permitirá que se estabeleça um modelo teórico inicial de referência, da mesma forma que auxiliará na determinação das variáveis e elaboração do plano geral da pesquisa. Em segundo lugar, de acordo com a natureza da pesquisa, devem-se determinar as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na determinação da amostra, que deverá ser representativa e suficiente para apoiar as conclusões. Por último, antes que se realize a coleta de dados é preciso estabelecer tanto as técnicas de registro desses dados como as técnicas que serão utilizadas em sua análise posterior.

Com referencia a natureza das fontes de utilizadas para a abordagem e tratamento de seu objetivo, de laboratório ou de campo, utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas, o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constante nos textos, a ciência como modalidade de conhecimento, só se processa como resultado de articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico. Não se reduz a um mero levantamento e exposição de fatos ou a uma coleção de dados estes precisam ser articulados mediante uma leitura teórica. (SEVERINO, 2007, p. 63).

Com referencia a natureza das fontes utilizadas para a abordagem e tratamento de seu objetivo, de laboratório ou de campo, utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas, o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constante nos textos. Que em outras palavras significa que sem a pesquisa de campo dificulta consideravelmente os resultados finais de um trabalho acadêmico seja ele qual for.

Como não requer equipamentos especiais para a coleta de dados, tende a ser bem mais econômico. E como o pesquisador apresenta nível maior de participação, torna-se maior a probabilidade de os sujeitos oferecerem respostas mais confiáveis. O estudo de campo apresenta, no entanto, algumas desvantagens. De modo geral, sua realização requer muito mais tempo do que um levantamento. Como, na maioria das vezes, os dados são coletados por um único pesquisador, existe risco de subjetivismo na análise e interpretação dos resultados da pesquisa. (GIL, 2008, p. 53)

Observa-se que para se realizar uma pesquisa de campo não requer muitos equipamentos ou materiais de estudos, segundo Gil (1946), pois quando se faz uma abrangência do local e individuo a serem estudados tudo fica mais fácil até mesmo a coleta d informações, ou seja, a pessoa a ser entrevistada fica mais a vontade quando se encontra em seu lugar de origem e os questionários são dirigidos naturalmente sem que o indivíduo sinta-se pressionado. Mais uma elevação é que na classificação investigam-se as características dos elementos da natureza pesquisada, possibilitando a caracterização abreviada de suas partes. Estuda-se também um exclusivo grupo ou sociedade em termos de sua estrutura social, ou seja, observar a interação entre seus componentes.

3.2 PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

Conforme Tarallo (2007) para elaborar uma pesquisa sociolinguística é preciso organizar uma quantidade de dados que serão analisados de acordo com os objetivos centrais do estudo em questão. O pesquisador renomado, para realizar o diálogo que futuramente servirá de material para a análise, convém a ele observar o ambiente no momento de dialogar com os indivíduos de uma dada comunidade.

A presença direta do pesquisador no diálogo é fundamental, visto que faz parte da teoria. No entanto, durante a parte da observação o pesquisador passar por situações críticas, isso porque no momento de colher dados a presença direta dele é imperativa no diálogo com os falantes, por outro lado, essa presença pode ocasionar certo desconforto por parte dos entrevistados. Como forma de minimizar

essa situação o pesquisador precisa se infiltrar na comunidade como um aprendiz a fim de aprender sobre a cultura de uma comunidade, descartando a ideia sobre o estudo da língua, ou seja, os entrevistados não devem se sentir intimidado pela sua maneira de falar.

Para alcançar tais objetivos metodológicos o pesquisador pode organizar um roteiro de perguntas para servir como guia no momento da entrevista. Esse método auxilia o entrevistador a organizar os dados correspondentes a fala de cada indivíduo, fazendo uma comparação entre o discurso de cada. Entre esses métodos, pode-se organizar uma conversação sobre a história de vida de cada um, assim no momento da narrativa o informante estará ocupado falando de sua vida, e nem perceberá a forma como está falando, ou seja, o informante desprende-se da preocupação da forma como vai falar.

O pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária (...) seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e pôr a sua própria presença como elemento estranho à comunidade. Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas (TARALLO, 2007; p. 21).

Dessa maneira, é importante que o entrevistador esclareça ao entrevistado que o uso de um gravador contendo suas informações poderá ser usado caso na presença do mesmo. Outro fator que contribuirá para a pesquisa é a adequação da língua a da comunidade entrevistada, assim a entrevista tende a ser positiva.

3.3 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

A pesquisa foi realizada por 05 garimpeiros residentes na Comunidade do Água Branca, Município de Itaituba que ainda vivem nessa localidade, mas não praticam mais essa atividade do garimpo, no entanto, carregam anos de experiência nessa profissão e, assim, marcas linguísticas que influenciam gerações. Os cinco entrevistados são do sexo masculino, a faixa etária varia entre 55 anos a 80 anos de idade. Quanto ao nível de escolaridade destes, 02 dos entrevistados só possuem até a 3ª série, 01 até a 4ª série incompleta e os outros dois são analfabetos, nunca tendo frequentado uma escola.

3.4 AMBIENTE DE PESQUISA

A comunidade de Água Branca é localizada no Município de Itaituba, podendo se ter acesso através da rodovia Transgarimpeira. Atualmente, dentro da vila, tem uma população com cerca de 500 pessoas, e contando com os bachões (áreas de garimpagem) aproximadamente 4.000 pessoas. Hoje, a comunidade não é considerada mais predominantemente como garimpo, mas ainda é um polo de encontro de vários garimpos da região. Atualmente empresas mineradoras que estão se fixando lá.

A comunidade possui hoje uma escola municipal que atende as crianças de 1ª à 4ª série, um posto de atendimento de endemias para fazer exame e tratar os pacientes com malária, campo de futebol, igrejas das diversas religiões, mototaxis, além de rede telefônica e sistema de internet ligando, assim, a área garimpeira ao mundo. Nos comércios há notebooks por que o acesso e comunicação pela internet dão-se mais fácil do que pelo telefone.

A energia elétrica ainda é particular, ou seja, cada um tem seu grupo gerador, diferentemente de décadas atrás, em que o acesso era realizado apenas de avião, atualmente, devido à ligação da rodovia estadual Transgarimpeira com a comunidade, o acesso é mais fácil, fato que torna Água Branca apta a vivenciar uma nova era do ouro.

3.5 COLETA DE DADOS

Para que essa pesquisa fosse desenvolvida foi preciso fazer uma entrevista para coletar dados de extrema importância para o referido trabalho. A coleta ocorreu através de uma entrevista oral seguindo os direcionamentos da pesquisa sociolinguística, em que o participante não pode desconfiar de que o alvo da pesquisa seja a linguagem deste, sendo questionado apenas quais os procedimentos necessários para a extração do ouro. Suas respostas foram coletadas por meio de áudio e de registros escritos. Os dados foram coletados sem alterações nenhuma.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 LINGUAGEM GARIMPEIRA

Os garimpeiros por si, representam um tipo de grupo social muito sofrido no que tange a sobrevivência, uma vez que, o próprio ofício os leva a essa situação brusca, muito deles sequer presenciam no dia a dia seus familiares, além de correr o risco de ser contaminada pelo mercúrio e doenças típicas da garimpagem, ainda ficam suscetíveis ao perigo que naturalmente se estabelece no âmbito, como criminalidade, prostituição e dentre outros adventos de mineração.

No senso comum, o garimpo significa o lugar onde se extrai o ouro, porém na visão de Ferreira (1986), garimpo significa, “mina de diamantes ou carbonados ou lugar onde se encontram tais minas”. Quanto ao conceito de minas, consiste a cavidade artificial da terra, onde o garimpeiro exerce sua função, em relação ao mineiro, não se trata estritamente ao diamante e a ouro, mas atribui-se a vários tipos de pedras preciosas e minérios.

Para Santos (2001, p.28), a origem do grupo social denominado de garimpeiros, consta há mais de 280 anos, no então no Distrito Diamantino em Minas Gerais, já o conceito de garimpo e garimpeiro, existe pelo menos há mais de 210 anos, isso, segundo autor para Historiografia.

Porém, dentro de estudos científicos, o termo garimpeiro foi utilizado desde o ano de 1833, na ocasião em que foi mencionado a respeito destes, segundo Santos (2001, p. 33), pelo Saint-Hilaire, o que denominavam os garimpeiros como, “um tipo de aventureiros contrabandistas que também mineravam quando os diamantes eram mais abundantes e menos difíceis de se extrair”

A definição de minerador de diamante ao garimpeiro, se dá pela condição do que ocorrera na época colonial, uma vez que, nesse tempo, a abundância de diamante no Brasil elevava sua fama, principalmente, no estado conhecido como Minas Gerais, o berço da origem de garimpo.

A atribuição mais recente, condiz às várias espécies de minérios, que por sua vez, segundo Ferreira (1986), é “mineral ou associação de minerais de que se podem extrair metais ou substâncias não metálicas, por processos físicos, químicos ou térmicos...”. Assim, para Lins (1992), garimpo significa “local onde ocorre a extração de minerais garimpáveis”, (LINS, 1992, p.78)

Socioculturalmente, os detalhes específicos de seu ofício e convívio, faz com que os garimpeiros tenham acervo linguístico capaz de atender suas necessidades linguísticas, conseqüentemente, voltada a criação e evolução de linguagem específica, que são gírias.

Diante da flexibilidade linguística como tal, é importante frisar que, existem variados tipos de garimpos, sendo eles, como chamados de “balsa”, “flutuante”, “escalante”, “draga”, “garimpo manual”, e demais respectivamente, os quais são distintos um aos outros. E de forma igual, os próprios indivíduos inseridos nestes “garimpos”, também são diferentes entre si. E por fim, os locais também de diferenciam geograficamente, inclusive, esses são fatores preponderantes na criação de gírias específicas.

Contudo, em cada garimpo, pode haver uma grande variedade linguística garimpeira, que socialmente, mesmo que inconscientemente das vezes, influenciam as pessoas que não são garimpeiros, a começar pelos familiares, vendedores, patrões, empresas compradas de minérios, por fim atingindo mais pessoas. Assim, é natural que na linguagem comum sejam presentes as gírias garimpeiras.

Nazareno Santos, é o escritor Itaitubense (Itaituba-Pa), que em sua obra intitulada de “Tapajós; História & Estórias e Outras Moagens” publicada em 2010, descreve algumas de muitas gírias presentes no mundo linguístico da garimpagem, o mesmo denomina este tipo de linguagem de “Garimpês). Nazareno, organizou centenas de léxicos (gírios), na ordem alfabética que consiste de A a V. Alguns dos exemplos de léxicos com respectivos significados descritos por Santos (2010), seguem abaixo:

- A = azougue – denominação popular de mercúrio, elemento metálico líquido, pesado, prateado e venenoso;
- B = blefado – liso, que se deu mal no garimpo, sem dinheiro;
- C = curimã – rejeito de cascalho, areia e esmeril, proveniente de lavagem da terra rica ou um serviço manual. Porto espriado onde o garimpeiro de balsa monta a cobra fumando;
- D = da lavra – abundante, que tem bastante, em grande quantidade;
- E = evacorado – perdidamente apaixonado. Cego de paixão. Paixão está de consequência negativa onde o indivíduo se entrega às bebidas alcoólicas por sucessivos dias;

- F = fofoca – tem dois sentidos distintos 1. Fase inicial da formação de um garimpo. 2. Animação e movimento promovido pela descoberta de ouro;
- G = gororoba – comidas mal feitas, pobres de tempero;
- H = homem das botas – Agente da Polícia Federal;
- I = perigoso, ameaçador. Diz-se de alguém ou de local;
- J = jirau – espécie de mesa construída de pau a pique, para facilitar o trabalho da cozinheira, estocar mantimentos ou também para servir como local de refeições nos garimpos;
- L = lagresia – barro duro, pouco permeável, no qual o cascalho aurífero se assenta;
- M = moagem – conversa fiada, fútil e sem importância;
- O = ourão – ouro bamburro numa fofoca qualquer;
- P = péula – ferramenta garimpeira semelhante a uma pá, com a qual os manuais baixam barrancos e debreiam cascalho;
- Q = qualiro – gay, bicha o mesmo que homossexual. Termo usado comumente para homem afeminado em garimpos;
- R = reco = trabalho de reaproveitamento de curimãs;
- S = serapilheira – pano grosseiro feito de juta, conhecido por aniagem e utilizado para cobrir caixas, dalias e cobra fumando;
- T = torar – matar, fuzilar, liquidar numa tocaia;
- V = vacora = paixão exarcebada, desmedida segundo a alma garimpeira.

Paralelamente, são apresentadas também as gírias garimpeiras descritas na obra de Santos (2010), por certo grau de proporção algumas por ela pesquisadas relacionam-se às que foram relacionadas por Nazareno Santos (2010), só não foram identificadas com esse intuito, uma vez que, o objetivo não é fazer comparações de gírias, mas apenas enumerá-las como exemplos. Seguem-se abaixo:

- Manso – garimpeiro experiente com devida habilidades de manuseio da atividade de garimpagem;
- Bravo – garimpeiro inexperiente sem habilidade;
- Meia-praça – (também descrita por Nazareno), forma de trabalhar em sociedade.

- Bamburrado – termo êmico que significa que alguém ficou rico... eu encontrou muito ouro ou pedras, ou seja o que tirou a sorte grande;
- Currutela – nome dado ao pequeno arraial ou povoado que vai crescendo à margem do garimpo, onde geralmente se instala um pequeno comércio, bares, às vezes uma farmácia ou posto de saúde e casas de prostituição juntamente com as casa das famílias dos garimpeiros;
- Pedestre – erma patrulhas a pé que juntamente com os Dragões (a cavalo) formavam a força militar do Intendente e da Administração do Distrito Diamantino;
- Bandos – eram decretos lidos ao povo que determinavam novas origens ou leis vinda da coroa ou da intendência;
- Capangueiros – eram contrabandistas que comercializavam os produtos do garimpo ao mesmo tempo em que abasteciam os bandos das suas necessidades;
- Descoberto – é uma palavra utilizada pelos pesquisadores do tema quanto nos documentos analisado, assim como pelos meus informantes; significa o descobrimento de uma lavra;
- Cascalho – um tipo de barro que fica da extremidade interior do solo, onde encontro minério;
- Bamburro – a chance de ficar rico repentinamente e se livrar da situação de penúria;
- Gorgulho – é um cascalho rolado acumulado pelas enchentes dos riachos, córregos, rios e enxurradas;
- Vara de sondar – fina e comprida, geralmente de aço, é enfiada no chão e ultrapassa a camada de terra. Se o terreno é “virgem”, a vara encontra resistência, caso não seja lavrado, a vara continua a entarar-se. Também pelo barulho da sonda no cascalho eles já “calculam” o tipo de cascalho e só então é determinado o local do serviço;
- Alavanca – para soltar pedras grandes;
- Cavadeira – o nome já diz;
- Picareta – também para o desmonte;
- Enxada – também para o desmonte;
- Canimbés – para carregar esmeril (cascalho)

- Bateia – para a apuração final;
- Peneira – para a apuração final;
- Ralo – para passar o material e evitar que um diamante que esteja numa “canga” (é um pedaço de rocha em que pode vir incrustado o diamante) passe despercebido;
- Lapas de pedra – são espécies de lages naturais, ou “dobras” rochosas como denominam os geólogos;
- Fervedor da canoa – o nome é dado devido ao movimento do cascalho no buraco, enquanto a água cai, e remexe o material levando consigo a terra e outros detritos mais leves, o movimento do cascalho roliço assemelha-se ao da água fervente;
- Cata – é o nome que se dá ao local escolhido para retirar o material a ser garimpado;
- Cascalho de esperança – cascalho virgem que ainda não foi garimpado, ou ainda aquele que só o foi por escravo, sento que estes segundo os garimpeiros, não tinham condições tecnológicas, nem desejo e nem direito de garimpar diamantes, á que esta lavra foi proibida em algum tempo;
- Vinténs – é uma pepitinha de ouro e também é o peso;

Comparando esses autores, pode-se notar que o ambiente de garimpo, pode ser entendido como fonte fluidora de variedades de língua. Esse fenômeno, como foi enfatizado, devido a necessidade de entender o novo mundo dentro de um mesmo âmbito linguístico. Vê-se, através de exemplos, existem séries de palavras, capaz de conceituar cada objeto, cada ação, negócio e a relação entre garimpeiros e pessoas que diretamente e indiretamente fazem parte de sua relação social, no ponto de vista linguístico.

Contudo, é preciso lembrar do que foi mencionado, de que dentro do mundo dos garimpos, podem haver diferentes variedades, uma vez que, há garimpeiros quase em toda extensão territorial do Brasil, assim, pode haver que certas linguagens seja distintas das outras, outras, é claro, são comuns a todos, esse processo, pelo visto, acontece da mesma forma que transfiguram as línguas, no tempo, no presente e no espaço geográfico.

Ainda mais, no tempo em que está se passando a modernidade, com certeza, assim, os garimpeiros provavelmente já devem ter criadas outras novas variedades, variantes desse, capaz de atender a demanda de novas concepções tecnológicas, haja vista que, os referidos postulados (mencionados) já tem data ultrapassada, porém para tirar algumas conclusões somente pesquisa desta área poderia constatar.

4.2 ASPECTOS LEXICAIS EVIDENCIADOS NO DISCURSO DOS GARIMPEIROS

Ao serem questionados sobre como se extraía o ouro da região, obtiveram-se as seguintes respostas dos entrevistados abaixo- relacionadas e analisadas a seguir:

ENTREVISTADO 01:

Aqui era o momento em que a canoa já estava com o espaço para cascalho esgotado, —Aí hora que inchia uma canoa... na nossa language é canoa morta, sabe. {...} matô a canoa.

Tanto o verbo *matar* quanto o adjetivo *morta* foram utilizados no mesmo sentido de *cheia*, *arrematada* ou *finalizada*. Dessa forma, não se encontra um motivo aparente pela escolha destas em detrimento de outra, percebe-se apenas um caso em que (matar/morta), que é utilizada, aqui, com outro sentido. Quanto aos complementos verbais *a canoa*, *o cocho* e *o pau*, os três tem sua motivação relacionada ao referente: a canoa, como fica claro no primeiro.⁴ No segundo, encontra-se o item lexical *cocho* dicionarizado, mas sem nenhuma referência à canoa utilizada para depositar cascalho no garimpo, porém, acredita-se que se trata de uma nomeação por extensão de sentido, já que no dicionário este item é definido como —[...] espécie de vasilha feita de tronco escavado para depósito de algo [...], (HOUAISS;VILLAR, 2009).

ENTREVISTADO 2

Mergulhar a vinte e cinco ou descer a vinte e cinco era uma espécie de negociação entre dois mergulhadores, quando um deles jogava o capacete. pur exemplo, às veiz tinha um, chega no lugá tinha medo de ifr]... ele ficavaco'medo dava pra um que tinha corage a vinte cinco... aí é vinte cinco por cento, cê pegava o ouro vindia,

vamos supô vende por cem mil, cinquenta é do fornecedô, vinte cinco do merquiadô e vinte cinco do ôto quedeu o mergulho, ess'é o vinte cinco qu'ês falava.

A partir desta explicação, é possível compreender o que motivou a criação desta lexia, que se associa à porcentagem de 25% que seria destinada a cada mergulhador neste tipo específico de divisão de lucros. *Mergulhar de calango* era uma forma de garimpar na ocasião de lugares mais rasos que, segundo os entrevistados, lembrava o réptil.

ENTREVISTADO 3

Cê num usa a balsa, às veiz cê acha um cascái assim que na berada, que num dá pro cê tirá assim... na berada que num dá pro cê tirá assim... a fôrgo, sabe? e às veiz mal incobre a gente, mais num dá pa tirá a fôrgo, aí ês põe uma máquina só assim na berada assim e o cara desce assim andano, anda e vai lá {...} é com o iscafano, ma[s] aí já é calango {...} num usa escada, nem aquela balsa cum cabo de aço nem nada (...).

Desta forma, o mergulhador entrava no local de extração sem o auxílio da escada, porque nos lugares mais rasos a balsa não era necessária, mas acontecia de precisar do escafandro, assim, a imagem do garimpeiro naquela situação lembrava, visivelmente, um calango entrando na água.

Monchão da Carolina era um local em que era praticado *garimpo de monchão*. Trecho de garimpo que recebeu este nome porque:

ENTREVISTADO 3

—muitos ano atraiz teve uns alemão aí que troxe um máquinaro pa lavá o cascái sabe? Aí ês pois *Monchão do Máquinaro*. “é paiol {...} é... cada um tinha o paiol de pô o cascái né... num punha junto não, só punha o cascái junto quand'era bozó.

Cada garimpeiro possuía o seu *paiol de cascalho*, local em que o cascalho extraído seria depositado até o dia da lavação, daí a motivação através da locução adjetiva *decascalho*.

ENTREVISTADO 4

Páia de arroiz, cumpridim assim (gestos)...Palmito era o nome de uma área que a gente tirava muito minério é que ele tinha aquês coquero de palmito lá, e aí nós tirava tudo pru modi faze arribação das ária.

Palha de arroz era o nome de uma forma de minério cujo formato lembrava a palha de arroz, referente que serviu de motivação no momento da nomeação é páia de arroiz. Através do trecho da entrevista, percebe-se ainda o que motivou a nomeação destetermo que denomina uma área muito conhecida da região: o fato de ter ali desta espécie de angiosperma.

ENTREVISTADO 5:

Pedir avião era um tipo específico de sinalização considerado muito arriscado, pois: é rápido...aí sortava o ar ni nós né, vinha igual um avião {...} e[le]s puxava longe da balsa, se não vinha dibaxo da barsa, lá no pedra furada {...} teve muitos que umas veiz morreu, não conseguia pegá a laje.. vinha, já puxava e batia a cabeça dibaxo né {...} é bateu c'uma cabeça e machucô o crân[i]lo {...} nós ficava triste, era tudo amigo né, de confiança, ali era uma união que cê precisa de vê, durmia tudo num barraco só, coisa mais bunita [...].

Assim, observa-se que ao narrar um fato bastante comum no garimpo, entende-se que ao usar este tipo de sinal, o mergulhador deveria se preparar, pois ele seria puxado para a superfície em um movimento muito rápido, por isto a associação com avião, que é um meio de transporte extremamente veloz.

Pedra Furada foi citado pelos garimpeiros como nome de trecho de garimpo, porém, não se sabe explicar o porquê desta nomeação. Pela especificidade do nome, provavelmente, poderia haver uma ligação com a formação rochosa do lugar, no entanto, trata-se de uma hipótese, já que não se tem dados que comprovem. A lexia *pegar a laje* se remete ao momento em que a extração num determinado local chegara ao fim.

É interessante observar, pois, com essas análises sociolinguísticas, que quando o garimpeiro estava correndo perigo no fundo do rio, ele deveria *pedir avião*, uma sinalização dada na mangueira por onde passava o ar, que ficava sobre os cuidados do *manguereiro*. Este, ao receber o sinal, deveria comunicar toda a turma para retirarem do fundo do rio, o mais rápido possível, aquele que fez a solicitação.

Consegue-se entender, assim, parte da convivência no garimpo, da coragem dos garimpeiros e a confiança necessária no outro, ou seja, entende-se, por meio da linguagem, aspectos comportamentais, sociais, culturais de um grupo. Percebe-se também a criatividade do garimpeiro em criar toda uma forma de comunicação com o que o seu meio de trabalho lhe oferecia.

5. CONCLUSÃO

Com a pesquisa realizada na Comunidade de Água Branca é possível compreender não somente a linguagem deixada como legado pelos garimpeiros, mas, sobretudo, a cultura do lugar. É importante esclarecer que um vocabulário específico de determinado garimpo não é um vocabulário restrito exclusivamente a este local, pois se percebe que muitas destas lexias, eram utilizadas também por garimpeiros de outros estados, os quais vieram de outras regiões.

Alguns léxicos utilizados na Comunidade Água Branca, em sua maioria, possuem uma relação muito forte com o lugar a que dão nome, revelando características muito específicas tanto da história, quanto dos aspectos geográficos, dentre outros.

Neste aspecto, falar sobre a relação entre léxico e cultura é entender que este campo da língua é aquele que carrega consigo a história do povo, que através dele nomeia e tenta compreender o universo a sua volta, mesmo que muitas vezes utilizem como recurso unidades já existentes na língua, incorporando a elas outros significados.

Conclui-se ainda que na comunidade Água Branca há um léxico bastante peculiar; a linguagem específica de remanescentes comunidades garimpeiras (itens lexicais que fazem parte do universo natural do garimpo ou que se referem à realidade cultural, econômica e social do garimpeiro) é que justifica essa peculiaridade; e que a particularidade do léxico dessas comunidades concentra-se na fala das pessoas mais velhas e daquelas que efetivamente trabalharam no garimpo.

Foi possível presenciar o complexo e extraordinário acontecimento que é a língua. Cada léxico selecionado e analisado traz consigo história, cultura e, acima de tudo, evidencia como a língua, por meio de seus recursos morfológicos, sintáticos e semânticos, se modifica, porque é dinâmica e está a serviço de interpretar uma cultura.

Estes senhores entrevistados, trazem em sua memória uma amostra da capacidade e necessidade do ser humano de compreender o que está a sua volta, em que o primeiro passo para este entendimento é a análise de sua língua, que é a sua principal identidade.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia. **Sociolinguística**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2003

ALMEIDA, Djalmira de Sá. **História do município de Itaituba: importância econômica e geopolítica na Amazônia legal**. 1. Ed.- Curitiba, PR, 2012.

LINS, Fernando Freitas. / coord. **Aspectos diversos da garimpagem de ouro** / Rio de Janeiro: CETEMJCN PQ, 1992.

BAGNO, Marcos. **"Gramática pedagógica do português brasileiro"**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BORBA, F. da Silva. **Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna**. São Paulo. Ed. Nacional, Universidade de São Paulo, 1971.

CANDIDO, Evelin Coutinho Rother; BARROS, Adriana Lúcia Escobar Chaves de. **Sociolinguística: Variação e mudança na língua falada e escrita**. In: Revista AVEPALAVRA, edição 19, 1º semestre de 2015.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. **Sociolinguística**. LETRAS LIBRAS, 2011.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. **Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino**. In: Domínios de linguagem- Revista Eletrônica de Linguística, volume 4, nº 2, 2º semestre 2010 – ISSN 1980-5799.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1986.

GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** 1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MOREIRA, Júlio Cesar Lima. **Sociolinguística Variacionista e Estruturalismo Linguístico: Um diálogo**. In: SOMMA, Teresina/PI, v.1, n.1, p. 182-200, jul./dez 2015.

MOLEIRINHO, Eduardo; Araújo, Heloísa Zanatta; PAVANI, Júlia de Queiroz; PAIVA, Rafael Batista; PORETTI, Sol. **Variação Linguística: as variedades de uma Língua Plural**. Maringá, 2016.

MCCLEARY, Leland. **Sociolinguística**. Curso de Licenciatura em Letras-Libras, UFSC, 2007

PEREIRA, Ancelma Barbosa. **Linguagem e construção identitária de alunos brasileiros em mobilidade geográfica e linguística no contexto da fronteira Brasil/Venezuela**. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2012

PINTO, Edith Pimentel. **A língua popular e a gíria brasileira e portuguesa**. 2016 (?)

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. **As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná**. Dissertação de pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2003

SANTOS, Bernadette Grossi dos. **O reino da impura sorte: mulheres e homens, garimpeiros em Minas Gerais**. Dissertação de Pós-Graduação em Antropologia social, Centro de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis - SC, 2001

SANTOS, Nazareno. **Tapajós: histórias & estórias e outras moagens**. 2ª edição, Volume 1, Itaituba-Pa, 2010.

SEVERO, Cristine Gorski. **Linguagem e Sociedade: Algumas reflexões sobre determinismo**. In: Working Papers em Linguística, UFSC, n.8, 2004

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Edila Vianna da. **Léxico e sociedade em construção**. Ática, 2015

SILVA, Edila Vianna da. **A pesquisa sociolinguística: a teoria da variação**. UFF e ABRAFIL, 2011

SILVA, Edila Vianna da. **Sociolinguística Variacionista: Aspectos Introdutórios**. Cultrix, 2005

TARALLO, Fernando. **Pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.